



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ARTE, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**LETRAS – ESPANHOL E PORTUGUÊS
COMO LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

**RAÇA, GÊNERO E DISCURSO NO EXAME CELPE-BRAS: UM ESTUDO DOS
ELEMENTOS PROVOCADORES**

JULIA PEREIRA MATIAS

Foz do Iguaçu
2022



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**LETRAS - ESPANHOL E PORTUGUÊS COMO
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

**RAÇA, GÊNERO E DISCURSO NO EXAME CELPE-BRAS: UM ESTUDO DOS
ELEMENTOS PROVOCADORES**

JULIA PEREIRA MATIAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras - Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras

Orientador: Prof. Dra. Laura Márcia Luiza Ferreira

Foz do Iguaçu
2022

JULIA PEREIRA MATIAS

**RAÇA, GÊNERO E DISCURSO NO EXAME CELPE-BRAS: UM ESTUDO DOS
ELEMENTOS PROVOCADORES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras – Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dra. Laura Márcia Luiza Ferreira
UNILA

Prof. Dr. Jocenilson Ribeiro dos Santos
UFS

Prof. Dr. Wagner Barros Teixeira
UNILA

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de _____.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo do autor(a): Julia Pereira Matias

Curso: Letras - Espanhol e Português como Línguas Estrangeiras

	Tipo de Documento
(x) graduação	(.....) artigo
(.....) especialização	(x) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(.....) monografia
(.....) doutorado	(.....) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....)

Título do trabalho acadêmico: Raça, gênero e discurso no Exame Celpe-bras: um estudo dos elementos provocadores

Nome do orientador(a): Laura Márcia Luiza Ferreira

Data da Defesa: ____/____/____

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported*.

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de _____.

Assinatura do Responsável

Dedico este trabalho à memória de meu pai.

AGRADECIMENTOS

Para que uma menina negra da periferia de São Paulo, filha de migrantes nordestinos que sequer puderam concluir o ensino fundamental consiga ingressar numa universidade pública federal, é necessário um esforço grande e coletivo. Seria impossível nomear todos aqueles que de alguma forma colaboraram para que meu ingresso e permanência na UNILA fosse possível. Porém, alguns foram (são) fundamentais e aqui lhes deixo meu reconhecimento e gratidão:

Aos meus pais, por investirem —literalmente, em mim e na minha formação.

À Franciele Mioni e ao Mateus Guimarães pelo apoio constante, mesmo à distância, amo vocês!

A todos aqueles que aguentaram minha chatice nesses 5 longos anos em Foz do Iguaçu: Eliana Valdez, Jorge Armando, Rocio Gonzalez, Stefani Klumb e em especial a Milena Lima, minha companheira de viagens, fofocas, minha dupla nos trabalhos, estágios e tantas outras aventuras.

Ao professor Jocenilson pelo apoio e orientação constante desde que nos conhecemos em 2017, você e sua trajetória são inspiração para mim.

À minha orientadora, professora Laura Ferreira, pela paciência que teve comigo e toda minha desorganização, agradeço e peço a milésima desculpa.

Ao professor Wagner Teixeira por aceitar participar da banca.

Aos professores, colegas, vizinhos, parentes e demais amigos de Sanja que contribuíram para a realização do meu intercâmbio, etapa importantíssima da minha formação.

Aos demais professores da UNILA pelos ensinamentos.

E, por fim, a todos aqueles com os quais pude ter algum tipo de troca nesses últimos 5 anos, dentro da universidade e fora dela, obrigada!

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso apresenta um estudo discursivo dos materiais da parte oral do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Exame Celpe-Bras). Ditos materiais são conhecidos como elementos provocadores (EPs), tratam-se de lâminas A4 com textos verbais e não verbais, em sua maioria, trechos de matérias de revistas brasileiras. A pesquisa teve como objetivo identificar de que forma estão representadas as figuras feminina e negra nos materiais do Exame. Esta análise justifica-se a partir da premissa de que a linguagem veicula discursos e que estes são capazes de criar realidades e condicionar nossa visão sobre o mundo, sendo assim, faz-se importante atentar para os saberes que exames de larga escala como é o caso do Celpe-Bras veiculam, especialmente pelo fato do Exame possuir um efeito retroativo no ensino de português como língua adicional (SCARAMUCCI, 2004; DORIGON, 2016) e também pelo seu poder enquanto dispositivo de seleção e promoção do Estado Brasileiro em âmbito internacional. Com relação ao referencial teórico-metodológico adotado, para a reconstrução das noções de raça e gênero ao longo da história no Brasil nos apoiamos nas contribuições de SOUZA (2019; 2020; 2021); já para a análise dos EPs empregaram-se noções da Análise do Discurso de orientação francesa como discurso, interdiscurso e acontecimento, a partir, sobretudo, das contribuições de PÉCHEUX (1997; 1999; 2006) e ORLANDI (2010). Nosso corpus de análise compreende os elementos provocadores das edições de 2008 a 2018 do Celpe-Bras, 415 EPs no total. Como resultado deste estudo identificamos uma mudança sutil porém importante no que diz respeito à representação dos grupos sociais em questão no conteúdo imagético dos EPs do Exame, sobretudo nas edições de 2017 e 2018.

Palavras-chave: celpe-Bras; discurso; elemento provocador; representação; raça; gênero.

RESUMEN

El presente Trabajo de Culminación de Curso presenta un estudio discursivo de los materiales de la parte oral del Certificado de Proficiencia en Lengua Portuguesa para Extranjeros (Examen Celpe-Bras). Estos materiales se conocen como elementos provocadores (EPs), se tratan de hojas A4 con textos verbales y no verbales, en su mayoría extractos de artículos de revistas brasileñas. La investigación tuvo como objetivo identificar cómo se representan las figuras femeninas y negras en los materiales del Examen. Este análisis se justifica a partir de la premisa de que el lenguaje transmite discursos y que estos son capaces de crear realidades y condicionar nuestra visión sobre el mundo, por lo que es importante prestar atención a los saberes que los exámenes de gran escala como el caso de Celpe-Bras transmiten, especialmente porque el Examen posee un efecto retroactivo en la enseñanza del portugués como lengua adicional (SCARAMUCCI, 2004; DORIGON, 2016), y también por su poder como dispositivo de selección y promoción del Estado brasileño a nivel internacional. En cuanto al marco teórico-metodológico adoptado para la reconstrucción de las nociones de raza y género a lo largo de la historia de Brasil nos apoyamos en las contribuciones de SOUZA (2019; 2020; 2021); y para el análisis de los EPs se utilizaron nociones del Análisis del Discurso de orientación francesa tales como discurso, interdiscurso y acontecimiento, a partir, sobre todo, de los aportes de PÊCHEUX (1997; 1999; 2006) y ORLANDI (2010). Nuestro *corpus* de análisis comprende los elementos provocadores de las ediciones del Celpe-Bras de 2008 a 2018, 415 EPs en total. Como resultado de este estudio identificamos un cambio sutil pero importante con respecto a la representación de los grupos sociales en cuestión en el contenido de los EPs del Examen, especialmente en las ediciones de 2017 y 2018.

Palabras clave: celpe-Bras; discurso; elemento provocador; representación; raza; género.

ABSTRACT

This Course Completion Paper presents a discourse study of the materials of the oral part of the Certificate of Proficiency in the Portuguese Language for Foreigners (Celpe-Bras Exam). These materials are known as provoking elements (EPs), A4 sheets with verbal and non-verbal texts, primarily excerpts of articles from national magazines. The research aimed to identify how Exam materials represent females and black figures. We justify this analysis on the premise that language conveys discourses and that these can create realities and condition our view of the world. Therefore, it is essential to pay attention to the knowledge that carries large-scale exams as is the case of Celpe-Bras, mainly because the exam has a retroactive effect on the teaching of Portuguese as an additional language (SCARAMUCCI, 2004; DORIGON, 2016) and also by its power as a device for selection and promotion of the Brazilian State internationally.

Regarding the theoretical and methodological framework adopted, for the reconstruction of the notions of race and gender throughout history in Brazil, we rely on the contributions of SOUZA (2019; 2020; 2021); and for the analysis of the EPs, we employed notions of the French-oriented Discourse Analysis as discourse, interdiscourse and event, from, especially, the contributions of PÉCHEUX (1997; 1999; 2006) and ORLANDI (2010). Our corpus of analysis comprises the provoking elements of the 2008 to 2018 editions of Celpe-Bras, 415 EPS in total. As a result of this study, we identified a subtle but significant change regarding the representation of the social groups in question in the imagetic content of the EPs of the Celpe-Bras Exam, especially in the 2017 and 2018 editions.

Key words: celpe-Bras; discourse; provoking elements; representation; race; gender

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD - Análise do Discurso

CELPE-BRAS - Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros

CT - Comissão Técnica

EP - Elemento Provocador

PEC-G - Programa de Estudantes-Convênio de Graduação

PFOL - Português para falantes de outras línguas

PLA - Português como língua adicional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 O EXAME CELPE-BRAS - HISTÓRICO E AVALIAÇÃO	14
1.1 HISTÓRICO DO EXAME	14
1.2 ESTRUTURA DO EXAME	15
1.3 DA AVALIAÇÃO À CERTIFICAÇÃO	18
2 DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA	20
2.1 A NOÇÃO DE DISCURSO E O CELPE-BRAS COMO DISPOSITIVO DE SELEÇÃO E PROMOÇÃO DO ESTADO BRASILEIRO	20
2.2 O EFEITO RETROATIVO DO EXAME CELPE-BRAS E O ENSINO DE LÍNGUA INTERCULTURAL	24
2.3 RAÇA E GÊNERO: REFLEXÕES SOBRE O TRAJETO TEMÁTICO	26
2.4 SELEÇÃO DO CORPUS E PROCEDIMENTO DE ANÁLISE	29
3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA ANÁLISE	33
3.1 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	33
3.1.2 Discussão dos resultados	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	51

INTRODUÇÃO

A língua portuguesa de variante brasileira obteve uma crescente relevância no “mercado das línguas” a partir da ascensão do Brasil no cenário econômico internacional, sobretudo a partir da década de 2000 (Cf. ZOPPI-FONTANA; DINIZ, 2008). O país passou a fazer parte e até mesmo liderar blocos econômicos como o Mercosul, e desempenhar importantes papéis em organismos internacionais, como, por exemplo, a chefia da Organização Mundial do Comércio (OMC), órgão vinculado à ONU que até agosto do ano passado (2020) era ocupada pelo diplomata brasileiro Roberto Azevêdo. Com isso, tivemos um aumento no número de estrangeiros no país, dentre estes migrantes, turistas, estudantes intercambistas, empresários, investidores entre outros, o que acarretou também uma alta na busca do aprendizado da língua portuguesa. Se insere nesse contexto o Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros ou, simplesmente, “Exame Celpe-Bras”, como instrumento de avaliação e também instância institucional através da qual estrangeiros têm acesso a serviços, bens culturais, educacionais e direitos políticos-profissionais na ordem das relações internacionais em que o português é língua obrigatória —aspectos que serão melhor explicitados mais adiante.

O Celpe-Bras é o único exame de proficiência em língua portuguesa acreditado pelo governo brasileiro. Aplicado pela primeira vez em 1998, o exame geralmente conta com 2 edições por ano e é organizado por um grupo de especialistas que conformam o que se conhece como CT (comissão técnico-científica), que selecionam e produzem os materiais do exame, que é composto por duas partes: a parte escrita, que compreende a realização de quatro tarefas que demandam do examinando produções escritas; e a parte oral, que consiste em uma entrevista de 20 minutos com um “avaliador-interlocutor”. Esta monografia centra-se nos materiais da parte oral que são chamados de “Elementos Provocadores”. O objetivo da investigação foi o de realizar um estudo da constituição textual dos Elementos Provocadores —doravante EPs para compreender quais discursos veicula o exame Celpe-Bras acerca dos sujeitos femininos e negros por meio das materialidades verbo-visuais presentes em seus materiais. Para isso, utilizaram-se pressupostos teóricos da Análise do Discurso (AD) de linha francesa tais como discurso, interdiscurso e processos de constituição de identidades. A escolha em trabalhar com os elementos provocadores diz respeito a variedade de temas, gêneros textuais e fontes, espaços privilegiados de circulação de discursos.

Este trabalho é resultante de um projeto de iniciação científica (IC) que buscava inicialmente mapear as representações do “outro estrangeiro” nos materiais do Celpe-Bras. A pergunta norteadora de nossa pesquisa era: quais saberes se constituem como “regime de verdade” sobre o “eu-brasileiro” e sobre o “outro-estrangeiro” nos materiais do Exame Celpe-Bras? A partir desse plano de trabalho de iniciação científica pôde-se realizar o recorte temático de raça e de gênero, pois foram observadas certas regularidades quanto à representação desses dois grupos nos EPs.

Nosso objetivo se justifica a partir da concepção que assume nossa investigação de que os saberes que circulam em nossa sociedade são materializados e, muitas vezes, **criados** por intermédio da linguagem —seja ela verbal ou não verbal. Esses saberes traduzem práticas, experiências, culturas das sociedades, mas podem também veicular estereótipos, inverdades e violências. Logo, esta análise busca colaborar com as discussões acerca de um ensino de português como língua adicional intercultural e crítico, pois o exame, como antes mencionado, apresenta-se como representação da língua portuguesa em âmbito internacional, possuindo também um efeito retroativo no ensino de língua portuguesa para estrangeiros.

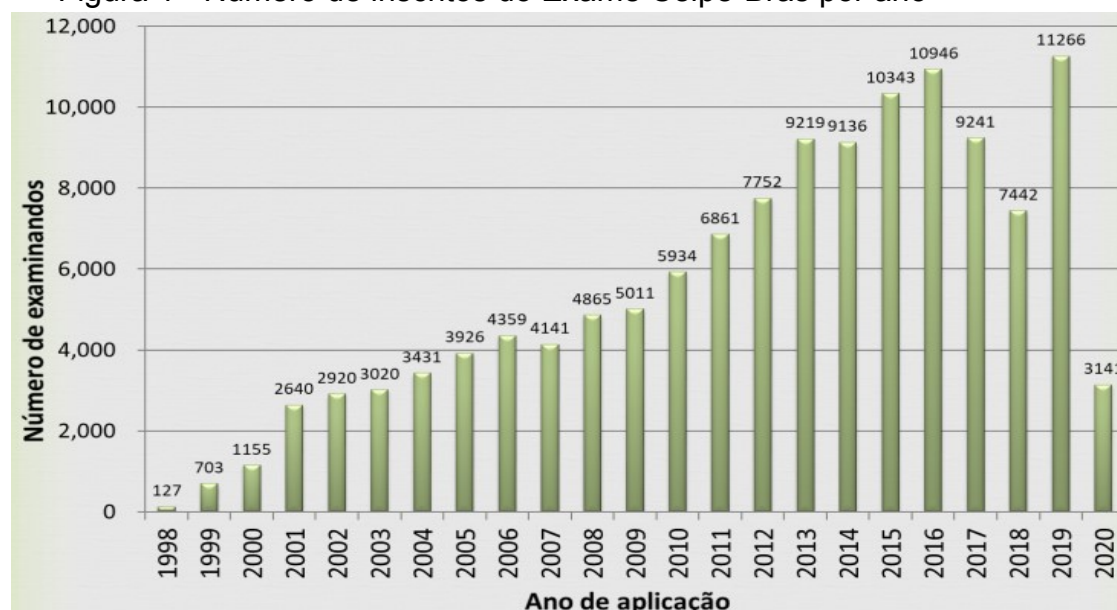
Assim sendo, o texto que se segue está estruturado da seguinte maneira: um primeiro capítulo intitulado “Exame Celpe-Bras: histórico e avaliação” que apresenta de forma mais detalhada o Exame Celpe-Bras, desde sua constituição até os dias atuais, apresentando também o elemento provocador, objeto de nossa análise; o segundo capítulo “Discussão Teórico-Metodológica” encontra-se subdividido em quatro partes, a primeira trata da definição da noção de discurso, norteadora de toda a investigação e apresentamos também uma breve discussão sobre Celpe-Bras enquanto um dispositivo de seleção e promoção do Estado Brasileiro; Depois disso, temos um subcapítulo que disserta sobre o efeito retroativo do Exame Celpe-Bras no ensino do português como língua adicional, seguindo para a uma discussão sobre as tensões histórico-discursivas em torno dos grupos escolhidos para compor o trajeto temático e, por fim, a apresentação das categorias utilizadas para a análise. Já o terceiro capítulo deste trabalho de conclusão de curso está dedicado à apresentação e discussão dos resultados obtidos, respectivamente.

1 O EXAME CELPE-BRAS - HISTÓRICO E AVALIAÇÃO

1.1 HISTÓRICO DO EXAME

O Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros, doravante “Exame Celpe-Bras”, é o único exame de proficiência em língua portuguesa reconhecido pelo governo brasileiro. O exame foi construído a partir da metade da década de 1990, inicialmente para atender a uma demanda do convênio PEC-G - “Programa de Estudantes-Convênio de Graduação”, um programa do governo federal que “oferece a estudantes de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordo educacional, cultural ou científico-tecnológico a oportunidade de realizar seus estudos de graduação em Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras” (MRE, 2021, s.p.). Desde sua primeira aplicação, em 1998, o Celpe-Bras registra, ano após ano, altas no número de inscritos, como podemos constatar na figura 1

Figura 1 - Número de inscritos do Exame Celpe-Bras por ano



Fonte: Acervo Celpe-Bras, 2021

Com relação ao aumento no número de examinandos desconsidera-se a edição de 2020 vide a pandemia do Coronavírus¹. Deve-se atentar também para o fato de que, nos anos

¹ Devido à pandemia de Covid-19 vários postos aplicadores cancelaram sua participação. Dado pode ser visto em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/celpe-bras/postos-aplicadores>>

de 1998 e 2018, o Exame contou apenas com uma aplicação anual, quando normalmente são realizadas duas ao ano, e isso se reflete nos números do gráfico.

Atualmente, o Celpe-Bras é aplicado em 56 países e possui 37 postos aplicadores no interior do país contemplando todas as cinco regiões, segundo dados do site INEP —órgão responsável pela aplicação do Exame, consultados em julho de 2021. É exigido, para além do ingresso de estrangeiros na graduação e pós-graduação por meio dos programas PEC-G e PEC-PG, em processos como os de naturalização, revalidação de diplomas médicos e por muitas empresas para a contratação de funcionários não brasileiros.

1.2 ESTRUTURA DO EXAME

No que diz respeito à estrutura do Exame, ele é composto por duas partes: uma escrita e outra oral. A prova escrita tem duração de três horas e consiste em quatro tarefas que demandam a produção de quatro textos em diferentes gêneros. As tarefas possuem textos que funcionam como insumos que os participantes devem se apoiar para sua produção escrita. O texto da tarefa 1 é sempre um conteúdo audiovisual e o da tarefa 2 um áudio, quase sempre transmissões da televisão e rádio brasileira, o que o Exame vai chamar de “materiais autênticos”, por tratar-se de transmissões reais, consumidas pela sociedade brasileira e não criadas especificamente para o exame.

As tarefas 3 e 4 são realizadas a partir da leitura de textos multimodais, quase sempre matérias de revistas e jornais. Nessa parte do exame competências como compreensão oral, compreensão leitora e produção escrita se integram. O enunciado de cada tarefa especifica ao examinando as condições que deve cumprir seu texto como, por exemplo, o gênero discursivo que ele deve atender (carta do leitor, e-mail, comentário são alguns exemplos) e os propósitos da produção, isto é, quem escreve, a quem se escreve, o que se escreve, quando se escreve, por que e para que se escreve. A prova é construída dessa maneira pois o exame se autodenomina de “natureza comunicativa”, muito filiado à perspectiva dialógica Bakhtiniana, que em linhas gerais entende que,

a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 2009, p.127)

No “Documento base do Exame Celpe-Bras”, de 2020, encontramos que,

o Celpe-Bras não tem como base para definição de seu nível mais alto de proficiência, o falante nativo idealizado [...] o Celpe-Bras fundamenta-se em uma visão de uso da língua(gem) com propósitos sociais, construída social e localmente por seus participantes. Proficiência, nesse caso, implica ser capaz de engajar-se em diferentes situações de uso da língua portuguesa no mundo [...] Trata-se, em outras palavras, de um exame que avalia “o uso adequado da língua para desempenhar ações no mundo.” (BRASIL. MEC, 2020 p. 27-28)

Em outro documento, o “Manual do Examinando do Celpe-Bras”, esse do ano de 2015, temos outro fragmento que elucida a concepção do exame com relação à noção de língua e domínio da mesma,

por sua natureza comunicativa não busca aferir conhecimentos a respeito da Língua Portuguesa por meio de questões sobre gramática e vocabulário, mas sim avaliar a capacidade de usar essa língua, independentemente das circunstâncias em que o participante aprendeu (BRASIL. MEC, 2015, p.9).

De modo que o Celpe-Bras diferencia-se de outros exames que certificam o domínio de uma língua estrangeira como o TOEFL-ITP², por exemplo, por não contar com questões fechadas de gramática num modelo de prova de múltipla escolha, o Celpe-Bras avalia a capacidade do examinando de *utilizar a língua* (na escrita e na fala) em *contextos* que se assemelhem a *situações reais* do cotidiano em sociedade.

Esta pesquisa centrou-se na segunda parte do exame, ou Parte Oral, onde temos a presença dos Elementos Provocadores (EPs), objeto de nossa análise. Ela engloba leitura, compreensão e produção oral e sua realização tem duração de vinte minutos. Nessa parte da prova, um professor atua como “Avaliador Entrevistador” fazendo perguntas ao examinando, e outro professor exerce a função de “Avaliador Observador”, que não participa da interação oral, devendo estar atento ao desempenho do candidato ao se expressar oralmente. Nos cinco primeiros minutos perguntas de cunho pessoal são feitas ao candidato com base em informações contidas numa ficha que todos os participantes preenchem no momento da inscrição online no Exame, são perguntas concernentes à origem geográfica, motivação para fazer o exame, tempo vivendo no Brasil, impressões sobre o país, hobbies etc. Passado esses cinco minutos iniciais o examinando recebe o primeiro Elemento Provocador, lhe é concedido 1 minuto para leitura do material e em seguida ele deve comentar sobre o conteúdo/tema lido. A ação se repete duas vezes mais, totalizando a utilização de três EPs por entrevista.

² *Test of English as a Foreign Language*. Exame de Proficiência em Língua Inglesa, que trabalha com questões de gramática normativa da língua inglesa, bem como compreensão oral e leitora.

Mas, o que é o EP? O Elemento provocador diz respeito a lâminas A4 que trazem impressos textos verbais e não verbais, na maioria dos casos, trechos de reportagens ou publicidade retirados de revistas e jornais de grandes veículos de imprensa do Brasil como se pode observar na figura abaixo, que apresenta o EP número 1 da primeira edição do ano de 2008.

Figura 2 - EP 1/2008.1

Celpe Bras | Interação Face a Face
2008/1.º

Elemento Provocador 1

Cresce o desmatamento na Amazônia

A área ambiental do governo entrou em desespero depois que foi confrontada com os dados de desmatamento da Amazônia de novembro e dezembro. A devastação foi a maior registrada nesses meses desde 2004. Para preservar a floresta, o governo proibiu as derrubadas em 36 municípios e cancelou empréstimos para atividades que destroem a mata. O avanço sobre a floresta, no fim do ano, pode ser atribuído à alta dos preços da soja e da carne, que incentivou os agricultores a aumentar as áreas de plantio. Embora preocupante, o desmatamento atual está longe dos recordes atingidos na década de 90.

COMO É CALCULADO O DESMATAMENTO

Por imagens de satélites, no período que se estende de agosto até julho do ano seguinte.

O QUE OCORREU EM 2007

Desmatou-se pouco entre agosto e setembro, mas a destruição superou 1 900 quilômetros quadrados entre novembro e dezembro.

POR QUE O DADO É PREOCUPANTE

Porque, no fim do ano, o desmatamento costuma cair. No entanto, a estiagem de 2007 permitiu que os fazendeiros abrissem novas áreas de cultivo. Além disso, as siderúrgicas do Pará aproveitaram a oportunidade para transformar árvores em carvão para seus fornos.

Área devastada no Acre: a Amazônia está dando lugar a plantações de soja e pasto

Fonte: IBGE/2008 - 9/3/2008 (com adaptações).

cespeUnB
Centro de Seleção e de Promoção de Eventos

Fonte: Acervo Celpe-Bras

Para cada edição do Celpe-Bras, um conjunto de 20 EPs é selecionado³. O Avaliador Examinador deve escolher dentre os 20, 3 daqueles que mais se aproximem aos gostos e à realidade do examinando, apoiando-se uma vez mais no formulário de inscrição, que traz diversas informações pessoais do candidato.

³ Os Elementos Provocadores de todas as edições do Celpe-Bras podem ser consultados no site “Acervo Celpe Bras” da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

1.3 DA AVALIAÇÃO À CERTIFICAÇÃO

Cada tarefa do Exame bem como a interação oral são pontuadas de 0 a 5, e a nota final do examinando diz respeito ao seu desempenho global, ou seja, nas duas partes do Exame. Os parâmetros para avaliação da parte oral são: competência interacional, fluência, pronúncia, adequação gramatical, adequação lexical e compreensão; os da parte escrita por sua vez tratam de verificar se o candidato atendeu ao gênero, ao interlocutor e propósito solicitados, se o texto tem clareza e coesão, adequação lexical e gramatical.

O Celpe-Bras certifica dois níveis intermediários e dois níveis avançados, não havendo certificação àqueles que se mantiverem no que se considera nível “básico”. O quadro abaixo, retirado da “Cartilha do participante” do ano de 2019, ilustra a relação pontuação – nível de certificação.

Quadro 1 – Pontuação para obter certificação

NÍVEL	FAIXA DE PONTUAÇÃO
Sem certificação	0,00 a 1,99
Intermediário	2,00 a 2,75
Intermediário superior	2,76 a 3,50
Avançado	3,51 a 4,25
Avançado superior	4,26 a 5,00

Fonte: Documento base do Exame Celpe-Bras, 2020

É importante salientar que é vasta a produção bibliográfica acerca dos mais diferentes aspectos do Exame Celpe-Bras, porém com relação a análises de domínio discursivo do/nos Elementos provocadores em específico, contamos com poucos trabalhos, como, por exemplo, artigos publicados por Fulaneti & Pereira (2020, 2021) que tratam de análises semióticos da representação da mulher sobretudo enquanto sujeito mãe nos elementos provocadores e teses de doutorado como a de Ferreira (2012) que apesar de não trabalhar a partir de uma perspectiva discursiva nos servem de base para compreensão e análise dos conteúdos presentes nos materiais da parte oral do Exame. Aqui, apresentaremos brevemente informações contidas no trabalho de doutorado “Representações do Brasil em textos do Exame Celpe Bras”, de autoria de Ronaldo Amorim Lima, que, a partir de uma abordagem ancorada na Análise Crítica do Discurso (ACD), analisou um montante de 210 EPS num trajeto temático que buscava entender

como estava representado o Brasil nos materiais do Exame. Lima considera que os temas tratados nos EPS do exame poderiam ser divididos em dois polos principais: um que apresenta um Brasil moderno e tecnológico e outro que recupera uma série de estereótipos do país: o lugar do futebol, do carnaval, da natureza e da cordialidade. O autor atenta para o “apagamento quase que total das características negativas do país” (LIMA, 2008, p. 125) e ressalta que,

No que se refere às ilustrações do EPs, há imagens de índios inseridos no mundo moderno e de mulheres que alcançam postos no mercado de trabalho antes só ocupados por homens. Isso pode significar que a CT (comissão técnica) teve a preocupação de mostrar que existe no Brasil uma tendência à inclusão social de grupos antes relegados a um segundo plano, embora tenhamos também constatado a rara presença de pessoas de pele negra entre as imagens presentes no corpus de nossa pesquisa. (LIMA, 2008, p.127)

Um outro trabalho na mesma linha investigativa é a dissertação de mestrado de Ailana Assis Cota, “Inter-ação, representação e identificação do Brasil em textos escritos do Exame Celpe-Bras”. Cota, porém, explorou as tarefas do Exame –parte oral, mas compreendeu igualmente que os textos que compõem a parte escrita “veiculam representações potencialmente ideológicas do Brasil, voltadas, em sua maioria, para as transformações do capitalismo tardio e da globalização neoliberal” (COTA, 2013, p.114), e que “as análises, de um modo geral, apontam para representações de brasileiros/as que não fazem jus à realidade heterogênea do Brasil (...) não há valorização das identidades várias do povo brasileiro” (2013, p.114). No capítulo seguinte trataremos de explicitar os porquês de considerar-se aqui importantes análises deste tipo, que buscam compreender quais saberes exames como o Celpe-Bras comunicam ou deixam de comunicar em seus materiais de aplicação.

2 DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA

2.1 A NOÇÃO DE DISCURSO E O CELPE-BRAS COMO DISPOSITIVO DE SELEÇÃO E PROMOÇÃO DO ESTADO BRASILEIRO

Entendemos aqui que programas como o PEC-G e exames como o Celpe-Bras são a efetivação de *políticas públicas* que se constroem num ambiente de disputas onde diferentes pólos como a agenda do governo, a opinião de especialistas e demandas sociais se intervêm, de modo que não são políticas neutras, mas instâncias por meio das quais se materializam processos ideológicos e de subjetivação dos indivíduos de distintas maneiras. Apoiados em Eni Orlandi, temos que,

quando falamos de Política Linguística enquanto Política de Línguas, damos à língua um sentido político necessário. Ou seja, não há possibilidade de se ter uma língua que não esteja afetada desde sempre pelo político. Uma língua é um corpo simbólico-político que faz parte das relações entre sujeitos na sua vida social e histórica. Assim, quando pensamos em política de línguas já pensamos de imediato nas formas sociais sendo significadas por e para sujeitos históricos e simbólicos, em suas formas de existência, de experiência, no espaço político de seus sentidos. (ORLANDI, 2007, p.8)

Desse modo, acreditamos que as políticas linguísticas, termo que concerne “desde decisões a respeito do lugar de uma dada língua dentro do Estado (por ex., língua nacional, língua oficial etc.), até decisões relativas ao ensino e aprendizagem de diferentes línguas (língua materna, segunda, estrangeira etc.)” (WRIGHT, 2004 *apud* RAJAGOPALAN, 2009, p. 20), estão sempre perpassadas por motivações, anseios, projetos políticos que vão muito além do puramente linguístico/metodológico. Ou seja, concebemos aqui que o Celpe-Bras é um terreno em disputa por interesses diversos, e nós, profissionais da área das Letras, sobretudo os com formação específica em português para falantes de outras línguas, devemos ter consciência dessas problemáticas, pois, como nos diz Lagares (2013, p.197), “ocupam (ocupamos), queiramos ou não, um lugar em meio a esses conflitos”. A materialidade dessas disputas se dá por meio da linguagem, e é aqui que se encontra a noção de *discurso*.

A análise do discurso é uma disciplina que nasce do interior do Estruturalismo francês, ou anti-humanismo científico, que, como o próprio nome sugere, refuta a ideia do homem como centro e dono do seu próprio dizer/saber. Com relação aos estudos linguísticos no interior do movimento estruturalista, o Estruturalismo Linguístico se inicia com Ferdinand Saussure a partir da obra “Curso de Linguística Geral” (1916) onde

demonstra que há uma estrutura linguística que restringe o dizer, falamos a partir da combinação limitada de peças também limitadas que temos disponíveis no jogo de tabuleiro que é a língua. Entretanto, esse estudo terminou por excluir a fala (o extralinguístico), focando-se num estudo imanente da língua; Saussure entende que existe o sentido, mas este escaparia a abordagem de uma linguística da língua, devendo outra disciplina encarregar-se dessas questões. Anos mais tarde, o teórico Michel Pêcheux, precursor da Análise do Discurso, respondendo a essa concepção de linguagem defende que “a significação não é sistematicamente apreendida por não ser da ordem da língua, mas da ordem do discurso” (MUSSALIM, 2004, p. 117). Acerca do assunto, Michel Pêcheux afirma que,

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, não existe “em si mesmo” [...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas. (PÊCHEUX, 1997, p.160)

Ou seja, palavras diferentes podem possuir o mesmo sentido e palavras iguais, sentidos diferentes, uma vez que “os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução” (FERNANDES, 2008, p. 15). Temos aqui uma primeira definição de discurso como “efeito de sentido entre interlocutores” (PÊCHEUX, 1969). O discurso seria o ponto de encontro entre a língua e a ideologia —a ideologia materializada no discurso e o discurso materializado na língua.

Desse modo, para a apreensão e análise do discurso presente em um texto não podemos jamais desconsiderar sua exterioridade, isto é, suas condições de produção, que compreendem os sujeitos com suas ideologias e o contexto histórico da enunciação. Importante aclarar que o sujeito na análise do discurso não é entendido como indivíduo, o sujeito discursivo é sempre um ser social, constituído na relação entre um “eu” e um “Outro”, este último, designa o social constitutivo do sujeito, isto é, “vozes outras oriundas de diferentes espaços sociais e discursos que são constitutivas do sujeito discursivo” (FERNANDES, 2008, p.35). Trata-se de discursos que absorvemos desde crianças, herdados de nossos pais ou genitores, e posteriormente pela mídia e demais instituições: escola, igreja entre outros, e que irão influir nas nossas interações sociais quando adolescentes/adultos, que moldam nossa percepção sobre o mundo. Ou seja, não somos totalmente autônomos com relação aos nossos pensamentos e opiniões, pois estamos atravessados por crenças, valores e imaginários partilhados pelos grupos sociais dos quais formamos parte, sejamos ou não conscientes disso.

Nessa esteira, compreendemos que os discursos presentes nos materiais do Exame-Celpe Bras possuem aspectos sociais e ideológicos, esta última entendida como “conjunto de representações dominantes em uma determinada classe dentro da sociedade” (GREGOLIN, 1995, p.17). Como a sociedade é composta por diferentes classes e grupos, existem diferentes formações ideológicas e essas, por sua vez, encerram em si “uma ou várias formações discursivas interligadas, que determinam o que pode e deve ser dito, a partir de uma dada posição numa dada conjuntura” (HAROCHE, HENRY, PÉCHEUX, 1971, p. 102). É importante apontar o caráter heterogêneo de uma formação discursiva, que abriga uma série de discursos que se opõem, se complementam, se contradizem. Nesse sentido, as determinações políticas e científicas para a entrada, a manutenção, a permanência ou o apagamento de determinados objetos discursivos em livros didáticos ou em exames de avaliação de larga escala –a exemplo do Celpe-Bras, respondem também a determinações históricas que modificam as relações de saber e poder em cada sociedade em determinadas épocas, de modo que a composição do Exame não possui nada de “neutra” ou “natural”. O discurso, na forma de texto ou fala é posicionamento político, e implica relações de poder. A depender de quem fala, de onde fala, sobre o que fala e para quem fala, o discurso pode obter status de verdade, e condicionar os pensamentos e atitudes dos indivíduos, e esta é uma das dimensões que justificam sua análise

Depois disso, se pensarmos nos jovens que participam do processo seletivo do PEC-G, por exemplo, o Celpe-Bras atua, como já foi dito, como um instrumento que regula a entrada desses estudantes estrangeiros nas universidades brasileiras (DORIGON, 2016). O mesmo vale para médicos estrangeiros que desejem atuar no país e para o processo de naturalização. E ainda, existe o efeito retroativo do exame Celpe-Bras no ensino, influenciando na produção de materiais didáticos e metodologias de ensino do português como língua adicional, tópico que será melhor discutido mais adiante.

Por esse poder do exame de atestar conhecimento, de incluir ou excluir, de servir como parâmetro para o ensino de português como língua adicional é que compreende-se aqui que o Celpe-Bras atua como um *dispositivo* do Estado brasileiro. O dispositivo pode ser entendido como uma *rede* que se estabelece entre elementos heterogêneos: instituições, práticas, discursos entre outros que, inerentes às relações de saber-poder e da vontade de verdade em torno de um objeto, constrói subjetividades. Este é um termo presente na obra de Michel Foucault e que aqui se definirá a partir do filósofo Giorgio

Agamben. Segundo o autor, o termo dispositivo no uso foucaultiano refere-se à “um conjunto de práxis, de saberes, de medidas, de instituições cujo objetivo é de administrar, governar, controlar e orientar, em um sentido em que se supõe útil, os comportamentos, os gestos e os pensamento dos homens” (AGAMBEN, 2005, p. 12). Acredita-se, assim, que o exame seja capaz de moldar “um Brasil” aos olhos do participante estrangeiro a partir do conteúdo de seus materiais que acabam por constituir-se como regime de verdade, devido às relações de poder —acima já suscitadas que regem este e qualquer outro exame de avaliação de larga escala.

2.2 O EFEITO RETROATIVO DO EXAME CELPE-BRAS E O ENSINO DE LÍNGUA INTERCULTURAL

É um ponto importante desta discussão o efeito retroativo do Exame Celpe-Bras no ensino de português como língua adicional —doravante PLA ou português para falantes de outras línguas (PFOL). O efeito retroativo consiste numa tendência de ensino segundo os parâmetros usados na elaboração do exame, que influi também a produção de material didático de PLA (SCARAMUCCI, 2004). Devido ao número restringido de parâmetros oficiais para o ensino de Português como Língua Adicional no Brasil, o Exame Celpe-Bras vem funcionando como um direcionador do ensino de PLA (cf. DORIGON, 2016). Logo, a concepção de linguagem e os materiais utilizados no Exame são tidos como modelos para a estruturação de cursos de português para estrangeiros, no Brasil e no exterior, e no caso EPs especificamente, vale ressaltar que desde 2006 esses materiais passaram a ser cedidos para as instituições de ensino aplicadoras, “para uso como material didático, contribuindo para a preparação de futuros candidatos para a prova e indiretamente para a difusão das representações do Brasil neles configuradas” (LIMA, 2008, p.80).

Defendemos que o ensino de uma língua deve compreender não só os aspectos formais do idioma mas também os socioculturais e discursivos. Já é consenso dentro da comunidade científica que conhecer as normas gramaticais de uma língua não são suficientes para um bom desempenho do falante estrangeiro no momento do uso da linguagem em situações concretas. O Celpe-Bras, ao filiar-se à abordagem comunicativa, entende a língua portuguesa como “representante da cultura brasileira que atua como ponto de partida na construção de ambientes de mediação cultural” (COTA, p.79); Segundo Dell’Isola, Schlatter e Scaramucci (2003, p.155), na abordagem comunicativa

empregada no Celpe-Bras “a competência do candidato é verificada por meio da realização de tarefas relacionadas à comunicação no dia-a-dia” de modo que não se busca aferir conhecimentos sobre a estrutura da línguas, como em exames tradicionais-estruturalistas que demandam um conhecimento sobre morfologia e sintaxe para a resolução de suas questões. As autoras afirmam ainda que “o material do exame é contextualizado, de maneira a levar em conta os aspectos socioculturais no conjunto da avaliação” (DELL’ISOLA; SCHLATTER; SCARAMUCCI, 2003, p.155) mas, que cultura é essa que o exame vem apresentando ao estrangeiro? contempla ela a diversidade presente em nosso território? e mais, contempla ela as pressões e tensões socioculturais presentes no nosso país?

O questionamento acima se faz pertinente pois esta monografia busca, para além do estudo discursivo em si, colaborar em discussões que favoreçam a construção de um ensino de línguas cada vez mais *intercultural*, isto é, pautado no direito à diferença e na promoção da pluralidade de ideias e culturas. Cultura é um conceito amplo que aqui definiremos a partir de Tylor (1987) como “complexo que inclui conhecimento, crenças, arte, morais, leis, costumes e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”. Logo, a cultura não é estática, pois o ser humano está constantemente produzindo novos conhecimentos, e também não é única, já seja dentro de um país, tribo, cidade, ou vertente religiosa. Portanto, dentro do espaço geográfico que compreendemos como Brasil diversas culturas coexistem, e deveriam ser abarcadas pelo exame, não só por meio de representações estáticas e estereotipadas, mas a partir de uma postura cultural crítica, considerando todo o já exposto até aqui, é fácil compreender que uma das dimensões da “competência linguística” é a competência intercultural.

Nas palavras de Mendes (2012) uma das principais defensoras do ensino intercultural em nosso país, o termo interculturalidade diz respeito a um esforço de professores e alunos em assumirem essa postura crítica em relação às diferenças culturais, reconhecer o outro e reconhecer-se com o outro, sem noções hierarquizantes acerca das culturas. “A busca da integração e da cooperação entre indivíduos de diferentes referências culturais (...) para se partilhar experiências, antigas e novas, de modo a construir novos significados” (MENDES 2012 *apud* MENDES 2010; CASTRO, 2008, p.360).

Ao comentar o contexto de ensino-aprendizagem de PLA atenta para a multiplicidade de matizes culturais que constituem o Brasil, “de elementos que vão desde as mais recentes inovações tecnológicas, a produção de conhecimento especializado, às

mais ancestrais crenças como o candomblé e toda sorte de manifestação da cultura popular” (MENDES, 2012, p.361) Alguns desses elementos foram privilegiados e outros excluídos, discussão que se apresentará a seguir, mas o que tratamos de evidenciar é que o ensino-aprendizagem de PLA, para que seja positivo no sentido de oferecer uma formação humana e intercultural, deve buscar transcender as narrativas da grande mídia evitando estereótipos e imaginários que se distanciam da realidade dos sujeitos e que podem evoluir para violências.

2.3 RAÇA E GÊNERO: REFLEXÕES SOBRE O TRAJETO TEMÁTICO

O Brasil, por seus desdobramentos históricos, é hoje um país multiétnico e multicultural. Porém, é igualmente por seus desdobramentos históricos que alguns grupos e raças/etnias (leia-se negros, indígenas, mulheres entre outros) encontram-se na atualidade excluídos do seio social, ninguneadas. Exclusão essa que foi cruelmente normalizada por diferentes mitos de invenção do Brasil, narrativas que passaram por diferentes fases e reconstruções. A primeira delas, criada após o processo de Independência do Brasil, foi forjada na literatura, em obras como “O Guarani” e “Iracema”, que tratam do casamento do europeu com o indígena. “Peri e Cecília constituem seu casal inicial, formado por um índio que aceitara os valores cristãos e por uma portuguesa que acolhera os valores da natureza do Novo Mundo. Essa nação teria, portanto, um caráter cultural luso-tupi” (FIORIN, 2009, p.119). Este primeiro discurso de identidade nacional apaga a figura do sujeito negro, que vem a ser inserido anos mais tarde, na década de 50, com a publicação de “Casa Grande e Senzala”, de Gilberto Freyre que acompanha uma segunda onda discursiva acerca da “identidade nacional”, dessa vez apostando nas noções de “miscigenação” e “cordialidade”, e já não mais no âmbito do discurso literário, mas sim científico. A esse respeito, Fiorin afirma que,

a colonização portuguesa é vista como tolerante, aberta, suave, o que levou à mestiçagem racial, que não ocorreu nos países colonizados pelos ingleses ou pelos franceses, por exemplo. O Brasil celebra a mistura da contribuição de brancos, negros e índios na formação da nacionalidade, exaltando o enriquecimento cultural e a ausência de fronteiras de nossa cultura. (FIORIN, 2009, p. 121).

Sabemos, entretanto, que na realidade, essa ausência de fronteiras culturais e cordialidade não existem.

Com relação às mulheres, o sociólogo e jurista Jessé Souza, em seu livro “Elite do Atraso” (2019), comenta em diversas passagens “o trabalho de distorção sistemática da realidade realizado pela mídia que foi facilitado pelo trabalho prévio de intelectuais que forjaram a visão até hoje dominante da sociedade brasileira” (SOUZA, 2019, p.15). A visão dominante a que se refere o autor é justamente a do brasileiro cordial. Atenta-se aqui para o fato que o autor corrobora a tese de que a linguagem/discurso possui o poder de moldar nossa percepção acerca da realidade, de criar imaginários que terminam por normalizar violências e desigualdades. Para fundamentar sua tese, o autor retorna ao nascimento da Igreja Católica, onde temos o que ele considera a gênese do racismo ocidental, que se dá a partir da apropriação pela Igreja Cristã do discurso platônico sobre virtude, esta última, entendida como “a necessidade do espírito disciplinar o corpo, percebido como território de paixões incontroláveis” (SOUZA, 2019, p.21) e a separação entre os indivíduos que possuem espírito e os que não.

A ideia —do espírito/virtude, une-se a interesses - no caso o interesse religioso de angariar fiéis -, passa pela ação institucional que cria seus agentes, sacerdotes e monges, e tem uma atuação continuada no tempo em uma dada direção e com um conteúdo específico [...] Foi por conta dessa ação institucional, primeiro da religião, depois, hoje em dia, da mídia e da indústria dos bens de consumo cultural, como o cinema e livros populares, que essa hierarquia moral, que separa os homens e as mulheres entre seres de primeira e de segunda classe, ganhou nossos corações e nossas mentes. [...] As classes superiores são as do espírito, do conhecimento valorizado, enquanto as classes trabalhadoras são do corpo, do trabalho braçal e muscular que a aproxima dos animais. O homem é percebido como espírito, em oposição às mulheres, definidas como afeto. Daí a divisão sexual do trabalho, que as relega ao trabalho invisibilizado e desvalorizado na casa e nos cuidados dos filhos (SOUZA, 2019, p.22-23)

Ao analisar especificamente o caso da colonização brasileira, Souza (2019), a partir de uma crítica ao livro “Casa Grande e Senzala”, atenta para o patriarcalismo familiar instaurado no Brasil desde seus primórdios, e que tem íntima relação com as tensões de raça e gênero que até a atualidade se fazem presentes em nosso país. Portugal, um pequeno país, tinha o desafio de povoar um território grandioso como o Brasileiro, e para isso utilizou-se de algumas estratégias tais como: delegar a administração de certas áreas a particulares e promover a escravidão sexual de mulheres negras e indígenas, a fim de garantir o povoamento do território, o que permitiu também a nossa miscigenação. Note-se, que com a ausência de instituições nos primórdios do Brasil Colônia, todo o poder residia, ao final, no patriarca, que tinha seu domínio exercido por meio de violência armada, subordinando a todos de seu convívio: escravos, esposa, filhos etc. a suas vontades pessoais. Como nos comenta Freyre (1957) "Era sádica a

relação do senhor com as mulheres índias e negras. Era sádica a relação do homem português com suas próprias mulheres brancas, bonecas para reprodução e sexo unilateral [...]”. Tem-se então uma sociedade feita por homens brancos e para homens brancos, que relega a atuação social da figura feminina aos cuidados do lar, dos filhos, do marido e de si —este último, no sentido de “feminilidade”, do cuidado da aparência e da inibição de desejos sexuais— uma vez que seu alto grau de afetividade e emotividade não lhe tornava apta para participação política e nem em carreiras que demandassem alto grau de conhecimento lógico e ou retórico como a engenharia e demais áreas associadas às Ciências Exatas ou o Direito, por exemplo.

No caso da população negra, e em especial da mulher negra, que combina em si as duas características biológicas consideradas negativas, a cor e o gênero, a situação se torna ainda mais complexa, pois o ser negro encontra-se na condição de animalizado, feio, sujo, indesejável, não servindo para nada que fosse muito além de atividades braçais e sexuais, às mulheres brancas ainda se lhes permitia o acesso às artes e a trabalhos como a docência, por exemplo, além de serem as detentoras do padrão de beleza a se seguir, ainda que esse alcançar e manter-se nesse padrão também lhes fosse doloroso. Para as negras, era impossível.

Eis aqui o ponto de encontro entre os dois grupos que o trajeto temático desta monografia percorre: as mulheres, bem como a população negra brasileira, são grupos pertencentes ao que atualmente conhecemos como “minorias”. Essas minorias não são numéricas, como a semântica do termo sugere, mas sim uma minoria social, grupos que historicamente se encontram em desvantagem ou dependentes em relação à outros grupos nos mais variados nichos das relações sociais. A violência contra a mulheres bem como o assassinato em massa da população negra brasileira aumenta ano após ano.

Segundo o Relatório Institucional do Atlas da Violência (2021), no ano de 2018, 75,7% das vítimas de homicídio no Brasil eram pessoas negras. Em 2019 essa porcentagem sobe, alcançando os 77%. Além disso, encontra-se também no Atlas o dado de que as mulheres negras morrem mais: “em 2019, 3.737 mulheres foram assassinadas no Brasil. O número ficou bastante abaixo dos 4.519 homicídios femininos registrados em 2018, com uma redução de 17,3% nos números absolutos” (CERQUEIRA, 2021, p. 36). Porém, “66% das mulheres assassinadas no Brasil eram negras” (CERQUEIRA, 2021, p.38) o que indica, em termos relativos, que o panorama não progrediu para as mulheres negras.

E não são somente os homicídios que alarmam sobre a grave situação desses grupos na atualidade. As violências diárias, já sejam elas físicas ou simbólicas, também chocam: foram mais de 105 mil denúncias de violência doméstica no Brasil durante o ano de 2020, segundo dados do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. No caso da população negra, a violência policial contra jovens negros e pardos aumentou em 11,5% no intervalo de uma década (Ipea). Nas conhecidas operações policiais nas favelas do Rio de Janeiro, doze crianças negras foram mortas, somente no ano de 2020.

Além de toda essa violência física temos também as violências simbólicas, como os olhares turvos que negros e negras relatam receberem ao frequentarem lugares considerados de privilégio, como shoppings centers ou universidades, ambas violências normalizadas por meio do discurso, pois é inconsciente e normal para o todo da sociedade o fato de negros e mulheres serem brutalmente humilhados e ausentes de espaços sociais de privilégio, como é o caso da universidade ou cargos de comando. Trata-se do que Souza (2021) chama de uma “moral não reflexiva” uma vez que todos nós já nascemos dentro de um contexto intersubjetivo repleto de ideias, valores morais e concepções inarticuladas de justiça que vão orientar todas as nossas decisões” (SOUZA, 2021, p.55). Conjuntura que demonstra a urgência de uma mobilização de diferentes setores da sociedade no sentido de pensar em coletividade maneiras de mudar esse panorama de violências, de tornar articulada essa moral inconsciente que nos faz enxergar o sofrimento e de humilhação das minorias como destino e passemos a perceber o racismo e o sexismo que as perpassam, pois direta ou indiretamente, a marginalização desses grupos afetam todo o convívio social. Não se pode diminuir o índice de criminalidade de um país sem antes garantir a todos os cidadãos acesso a uma vida digna, em termos sócio-econômicos e culturais, ou seja, o Brasil necessita discutir seu histórico de exclusão e discriminação, e nos parece fundamental que essa discussão se dê em todos os âmbitos sociais, isso inclui os educacionais, como é o caso de uma sala de aula de PLA. Não existe, como vimos, encontro de culturas sem conflito, porém esse conflito não necessita ser violento nem negativo, como propõe a abordagem intercultural.

2.4 SELEÇÃO DO CORPUS E PROCEDIMENTO DE ANÁLISE

O corpus, que compreende os elementos provocadores das edições de 2008 a 2018 do exame Celpe-Bras (415 no total), foram consultados na página web “Acervo

Celpe-Bras”, site administrado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) onde se encontram os materiais das partes escrita e oral de todas as edições do Exame. Elegeu-se um recorte temporal que se inicia em 2008 por conta do marco da crise econômica mundial. Crises são sempre momentos de proliferação de discursos, “na crise, toda legitimação perde sua “naturalidade” e pode ser desconstruída” (SOUZA, 2019, p. 9) e finda em 2018 —considerando as tensões sociais logo discursivas que emergem no Brasil a partir do golpe imputado à presidente Dilma Rousseff em 2016 e as eleições presidenciais de 2018.

Os EPs foram inicialmente catalogados nas seguintes categorias: título, tema, sujeitos da discursividade, sujeitos da imagem, ano e fonte; e, para análise utilizaram-se noções da Análise do Discurso, sobretudo as de discurso e interdiscurso, e em alguns casos, acionamos também o conceito de “memória discursiva”; Trataremos também da concepção de “acontecimento discursivo” no capítulo seguinte, junto a discussão dos resultados, com tal de fundamentar nossa interpretação com relação aos dados obtidos no todo da análise.

Vimos que a AD em seus primórdios centrava suas análises na materialização da ideologia pelo discurso —e tão logo, pela língua, a fim de compreender os efeitos de sentidos que geravam nos sujeitos em interação. Vimos também que a formação discursiva diz respeito ao conjunto de tudo aquilo que foi possível enunciar sobre determinado tema em um espaço/tempo específico. Essas formações discursivas com o tempo podem ser apagadas, restituídas, ressignificadas de acordo com as mudanças sócio-históricas, que são sempre descontínuas. Desse modo, para compreendermos melhor porque “x” imagem foi escolhida para acompanhar uma publicidade de tema “y” e não outra em seu lugar no estudo dos EPs, utilizamos a noção de memória discursiva. A memória discursiva é a categoria que nos permite a análise do enunciado (dito) recuperando sua *historicidade ou memória social* (já dito); de modo que a memória discursiva não diz respeito a língua do mesmo modo que o discurso, esta é da ordem dos acontecimentos, da história, da retomada de enunciados ditos antes e que se reinscrevem numa atualidade.

Porém, para a compreensão do conceito de memória discursiva, deve-se retornar a noção de discurso, que, acorde ao anteriormente exposto, compreende aspectos extralinguísticos que remetem a fatores ideológicos, sociais e históricos imbuídos nas palavras. Isto é, a Análise do Discurso compreende que a linguagem não pode ser

totalmente compreendida se ignorada sua inscrição num determinado tempo sócio-histórico. Tomando uma vez mais a Michel Pêcheux, temos que a memória discursiva,

deve ser entendida [...] não no sentido diretamente psicologista da 'memória individual', mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador (PÊCHEUX, 1983, p. 50).

Ou seja, “trata-se de acontecimentos exteriores e anteriores ao texto, e de uma *interdiscursividade*, refletindo materialidades que intervêm na sua construção” (FERNANDES, 2008, p. 49). Logo, a partir da memória, compreende-se também o interdiscurso, que nada mais é do que a noção de que um discurso se constitui a partir de outros discursos, é dizer, o discurso que se enuncia no tempo presente articula-se com eventos (acontecimentos) e discursos anteriormente já pronunciados (memória discursiva). Com o fim de tornar mais visível a maneira em que examinamos os EPs, procederemos com a análise do EP 2 da edição de 2011.2 e do EP 10 da edição de 2012.1:

FIGURA 2 - EP 2/2011.2

The image shows the cover of the magazine 'Calpe Brasil' for the 'Elemento Provocador 2' issue. The main headline reads 'VOCÊ ESTÁ PRONTO PARA O PÓS-CARREIRA?' in large, bold letters, with a large red question mark below it. To the right of the question mark is a photograph of a pair of black leather dress shoes hanging by their laces from a metal hook against a light background. On the left side of the cover, there is a vertical text block: 'O AUMENTO DA LONGEVIDADE E O ENCERRAMENTO PRECOCE DA VIDA CORPORATIVA CRIAM UM SEGUNDO TEMPO PROFISSIONAL QUE PODE DURAR 20 ANOS. PARA ENFRENTÁ-LO É PRECISO FAZER UMA POUQUINHA, CUIDAR DA SAÚDE E ELABORAR UM PROJETO QUE PRIORIZE O QUE VOCÊ SEMPRE DESEJOU FAZER - POR PRAZER, E NÃO POR OBRIGAÇÃO'. At the bottom left, it says 'POR ALEXANDRE TEIXEIRA, RITTO BETO RIGINI, SUSPENSÕES FLAVIO DEMARCHI'. On the right side, there is a vertical banner with the 'Calpe Brasil' logo at the top, followed by 'Interação Face a Face' and 'Elemento Provocador 2'. At the bottom right, there is a logo for 'INEP Ministério da Educação'. On the far left edge, there is a small vertical text: 'Época Negócios, Jan. 2011, p. 67'.

Temos aqui um Elemento Provocador retirado da seção “Negócios” da revista Época (grupo Globo). O título do EP é: “Você está pronto para o pós carreira”, e foi publicado no ano de 2011. Não temos nenhum sujeito representado na imagem; no texto verbal identificam-se somente o autor da matéria e o da fotografia. O que chama a atenção nesse EP são seus “implícitos”, aquilo que a AD costuma chamar de “não dito”. Conforme o procedimento metodológico adotado para esse estudo, esse EP foi catalogado no trajeto temático gênero, pois alude a uma memória discursiva de que mulheres não fazem parte ou não estariam aptas a fazer parte do mundo dos negócios, devido a falta de controle emocional, senso de liderança entre outros, a dualidade “masculino razão - feminino emoção” discutida anteriormente. A alusão a essa memória é percebida tanto pela escolha de um par de sapatos masculinos para ser a representação imagética do texto que trata sobre o pós-carreira como também pela desinência de gênero do adjetivo "pront-o", que deixa claro que a matéria foi escrita direcionada a um público específico: o masculino, imaginado como único interessado e pertencente ao ambiente de negócios e finanças.

FIGURA 3 - EP 10/2012.1

Interação Face a Face

Ministério da Educação

INEP

Celpe Bras 2012/1

Elemento Provocador 10

Nossa homenagem a todas as mulheres que permaneceram firmes ao passar por obstáculos, que enfrentaram dificuldades com persistência e fé, que superaram desafios com coragem, mas principalmente homenageamos aquelas que conseguiram tudo isso sem descer do salto.

Feliz dia da mulher!

Zero Hora, 8 mar. 2012.

Este é um outro EP catalogado na temática gênero. Neste caso temos uma “homenagem” do jornal Zero Hora dirigida às mulheres pelo seu dia. A publicidade deseja feliz dia da mulher “**principalmente**” àquelas que enfrentam todas as adversidades que nossa sociedade as impõe —dentre as quais podemos imaginar o assédio, a insegurança, a dupla jornada laboral, desigualdade salarial “sem descer do salto”.

A expressão “sem descer do salto” em português brasileiro faz referência à perda de postura, indica deselegância; esse sentido, construído historicamente por nossa sociedade patriarcal, é utilizado tanto para referir-se a mulheres que não são vaidosas como também para aquelas que impõem seu ponto de vista, que remete a outra expressão popular, a da “mulher barraqueira”. Sendo assim, o jornal parabeniza as mulheres por sua força em enfrentar as dificuldades, impondo-lhes uma mais, a de que devem enfrentá-las sem descer do salto, ou seja, mantendo-se vaidosas, elegantes, sorridentes em situações embaraçosas entre outros.

Esse EP demonstra a regularidade do discurso machista da feminilidade, a partir da atualização da memória histórica e logo discursiva que temos sobre o papel da mulher nas relações sociais. Ainda que em 2011 as mulheres já ocupassem espaços antes inimagináveis, vemos que persiste o discurso de que sua presença deva ser decorativa e passiva.

3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA ANÁLISE

3.1 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

O procedimento metodológico exposto acima foi aplicado de forma análoga aos demais EPs de nosso *corpus* e, a partir do trajeto temático escolhido obtivemos os seguintes resultados: entre as edições de 2008.1 a 2016.1, ou seja, num intervalo de 9 anos, existem somente 2 EPs que não trazem a figura da mulher vinculada aos estereótipos patriarcais, tratam-se do EP número 8 da edição de 2011.2, que traz o fragmento de uma matéria de revista que trata da inserção da mulher na área da mineração; e do EP 10 da edição 2014.1, que apresenta uma reportagem da Revista Veja que aborda uma discussão acerca do direito da mulher à não maternidade. A seguir, encontra-se um quadro que detalha, no período supracitado, a ocorrência da figura feminina nos EPs e as temáticas em que está vinculada. Para sua construção, nos apoiamos no título dos EPs presentes nos “Roteiro de interação face-a-face” de cada edição. A aba “representações do feminino” do quadro visa sintetizar a partir de qual temática e de que forma a mulher está representada (ou invisibilizada, em alguns casos) nos EPs, ou seja, que tipo de discurso o EP veicula.

QUADRO 1 - Representação feminina no Exame Celpe-bras (2008-2016)

Edição	Número do EP	Título	Representações do feminino
2008.1	9	“Mamãe não vá trabalhar”	Descrição da imagem: Criança agarrada na perna de uma mulher. A materialização do discurso: O EP por meio de seu discurso recupera a memória coletiva machista que ainda permeia nosso social do papel social da mulher como restrito ao âmbito privado. O título, “Mamãe não vá trabalhar”, que aparece em caixa alta acompanhando a imagem,

			reforça a ideia de que a mulher deve dar prioridade ao cuidado da casa, dos filhos e do marido, e depois para suas realizações pessoais e profissionais.
2008.1	14	“Mulheres no trânsito”	<p>Descrição da imagem: Fundo colorido em vários tons: azul, roxo, bege rosa, traz adjetivos como “prudente”, “cuidadosa”, “paciente”.</p> <p>A materialização do discurso: A partir dos adjetivos escolhidos para fazer parte da homenagem ao dia da mulher, essas qualidades dão abertura para uma associação da figura a uma posição de subalternidade e docilidade, ainda que existam amostras estatísticas que apontam que mulheres ocasionam menos acidentes de trânsito.</p>
2008.1	25	“Clube da Luluzinha”	<p>Descrição da imagem: Um grupo de mulheres brancas sorridentes numa academia exclusiva para o sexo feminino.</p> <p>A materialização do discurso: A matéria considera a existência desses</p>

			lugares como algo positivo e isto identifica-se tanto a partir de seu título “Clube da Luluzinha” como por afirmações como “mais privacidade”, “aparelhos adequados”, que aparecem no fragmento de texto do EP, romantizando o fato de mulheres não conseguirem acessar espaços (como as academias) por conta de assédio sexual e moral.
2008.1	20	“Regras para mulheres”	<p>Descrição da imagem: Rosto de uma mulher branca num cubo mágico.</p> <p>A materialização do discurso: Mais um EP que recupera diversas noções machistas por meio de seu conteúdo verbal. Dentre as “regras” que apresenta a publicidade estão: “superar uma separação” (pressupõe emocionalidade em detrimento da racionalidade); “educar os filhos” (outorga do papel da mulher ao âmbito familiar); e “não abandonar a dieta” (ode ao discurso da magreza).</p>
2008.2	20	“Os limites do estica e puxa”	<p>Descrição da imagem: Um rosto feminino sendo esticado</p>

			<p>por pinças cirúrgicas.</p> <p>A materialização do discurso: O subtítulo da matéria aponta que existe um “número máximo de cirurgias recomendado pelos médicos”, recorre-se ao discurso científico para dar status de verdade ao discurso veiculado, que recupera a ideia de um padrão de beleza a ser alcançado pelas mulheres.</p>
2010.2	10	“Barbie na crise dos 50”	<p>Descrição da imagem: Mulher loira segurando uma Barbie, vestida como a boneca que tem na mão.</p> <p>A materialização do discurso: Notícia da revista IstoÉ sobre a queda na venda das bonecas Barbie no mundo ocasionado por ser símbolo de um padrão de beleza único.</p>
2011.2	2	“Você está pronto para o pós carreira?”	<p>Descrição da imagem: Sapatos sociais masculinos pendurados em uma parede.</p> <p>A materialização do discurso: Discussão sobre aposentadoria dirigida a homens, o que se observa pela desinência de gênero em pronto e pela escolha da</p>

			imagem.
2011.2	8	“Mulheres na mineração”	<p>Descrição da imagem: Mulher negra encostada em uma máquina carregadeira de mineração.</p> <p>A materialização do discurso: Discute a inserção de mulheres em campos laborais inscritos numa memória discursiva como trabalhos de “aptidão masculina”, como é o caso da engenharia.</p>
2012.1	5	“Os 5 dons das mulheres”	<p>Descrição da imagem: Traz a ilustração de uma mulher em tons de roxo.</p> <p>A materialização do discurso: Os dons citados são “criatividade”, “intuição”, “instinto”, “sensibilidade” e “inquietação”; o texto do EP ainda diz que essas características estão presentes nas mulheres mas nem todas as desenvolvem em todo seu potencial.</p>
2012.1	10	“Feliz dia da mulher”	<p>Descrição da imagem: Perna feminina calçando salto alto</p> <p>A materialização do discurso: Deseja feliz dia às mulheres “que não descem do salto”; a partir da expressão “sem descer do salto”</p>

			entende-se que as mulheres devem ser passivas a situações em que se sintam incômodas, replicando o discurso machista do papel da mulher como secundário e subserviente.
2014.1	14	“Notícias ruins afetam mais as mulheres”	<p>Descrição da imagem: Ilustração de mulher com feição assustada ao ler um jornal.</p> <p>A materialização do discurso: Matéria do jornal O Globo que cita um estudo da Universidade de Montreal sobre notícias ruins afetarem mais as mulheres. O discurso que essa notícia veicula recupera e reforça o imaginário da mulher como “sexo frágil”, pois busca respaldo científico para a ideia.</p>
2014.1	10	“Filhos? não obrigada”	<p>Descrição da imagem: Mulher branca, vestida com roupa social, segurando um smartphone e um tablet em que se vê uma cegonha com o símbolo de proibido.</p> <p>A materialização do discurso: Trata-se de uma capa da revista Veja; o subtítulo da capa diz que há</p>

			<p>“uma revolução nos costumes” ocorrendo no Brasil e no mundo. EP que discute o direito à não maternidade, ressignificando a memória da mulher como passiva, colocando-a num papel de protagonismo e autonomia sobre seu corpo e suas vontades, além de inserir a mulher no ambiente corporativo, pois todos os elementos da imagem (as roupas e os dispositivos eletrônicos que a modelo carrega) nos remete à imagem de uma “mulher de negócios”.</p>
2016.1	5	<p>“Casa em ordem, coração tranquilo”</p>	<p>Descrição da imagem: Mulher branca sorrindo com roupas dobradas na mão</p> <p>A materialização do discurso: Mais um EP que associa o mundo privado da casa e da família (neste caso por meio das tarefas domésticas) à figura feminina.</p>

Fonte: elaborado pela autora

Já entre os anos de 2017-2018, há 6 EPs que trazem temáticas que podem ser consideradas positivas desde nossa posição socioideológica a respeito da imagem da mulher na sociedade, abordando discussões sobre machismo, igualdade salarial entre homens e mulheres e assédio no ambiente de trabalho, são eles:

QUADRO 2 - Representações do feminino no Exame Celpe-Bras (2017-2018)

Edição	Número do EP	Título	Representações do feminino
2017/2	5	Machismo	<p>Descrição da imagem: Tirinha humorística composta por 3 personagens: pai, filho e filha.</p> <p>A materialização do discurso: O filho pergunta ao pai o que é machismo e a irmã ao tentar explicar é interrompida pelo irmão que lhe diz que “isso é papo de homem”. O conteúdo possui uma interdiscursividade e com o termo “manterrupting” utilizado por alguns grupos feministas no Brasil e no mundo. O EP realiza assim uma denúncia a essa atitude machista ainda muito presente em nossa sociedade.</p>
2017/1	2	“Marina adora seu vestido”	<p>Descrição da imagem: Ilustração de uma mulher gorda.</p> <p>A materialização do discurso: O conteúdo verbal traz um texto que incentiva a autoestima de mulheres gordas, sobretudo a partir do enunciado “liga</p>

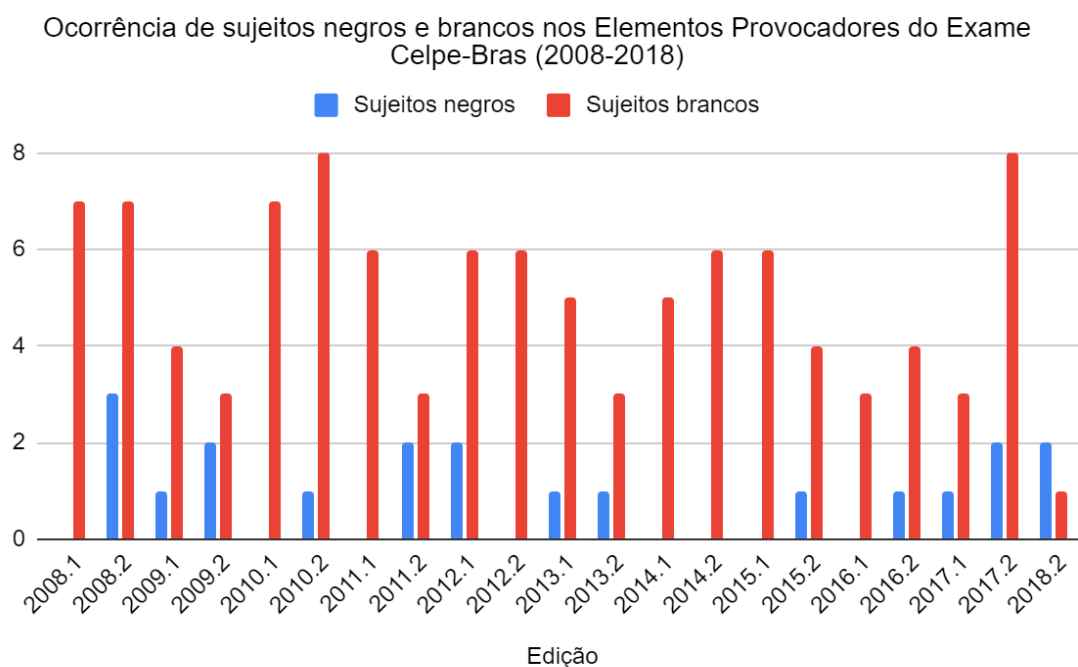
			<p>pras revistas não”, deixando claro uma posição <u>contrária</u> aos discursos contidos em revistas de grande circulação que apresentam modelos sempre magras, rotinas de dietas etc.</p>
2018/2	3	“Mulheres em cargo de comando”	<p>Descrição da imagem: Mulher negra vestida com roupa social no meio de uma linha de produção.</p> <p>A materialização do discurso: Conteúdo verbal apresenta um estudo do IBGE que aponta a porcentagem de mulheres em cargos de chefia nas empresas brasileiras, entendendo o número como baixo, deixando clara uma posição ideológica contrária à desigualdade de gênero nas relações de trabalho.</p>
2018/2	10	“O novo código de conduta entre os sexos”	<p>Descrição da imagem: Símbolos de placas de sinalização</p> <p>A materialização do discurso: Matéria da revista Veja que apresenta a informação de</p>

			que novas regras de relacionamento entre homens e mulheres estão sendo estabelecidas em ambientes laborais.
2018/2	13	“Criadas para servir”	<p>Descrição da imagem: ilustração de uma mulher loira com um óculos 3d.</p> <p>A materialização do discurso: Discussão sobre as assistentes virtuais serem sempre “mulheres” e como esse fato indiretamente contribui para a perpetuação de estereótipos machistas.</p>
2018/2	18	“Por que sempre é a mãe”	<p>Descrição da imagem: Tirinha humorística com 2 personagens: pai e filha.</p> <p>A materialização do discurso A criança —protagonista da tira, grita várias vezes pelo pai e o que ela quer dele é saber onde está a mãe. EP que incita a uma reflexão acerca da sobrecarga de trabalho das mulheres, sobretudo pela indagação de seu título: por que é sempre a mãe?</p>

Fonte: elaborada pela autora

Já com respeito ao recorte racial, chama a atenção o apagamento da população negra na mídia brasileira, que se reflete por meio dos EPs. A incidência de modelos negros ocorre em somente 20 EPs enquanto a ocorrência de sujeitos brancos se dá em 99 elementos provocadores —considerando aqui todas as edições analisadas, de 2008.1 a 2018.2 ou seja, nos 415 que foram analisados, como mostra o gráfico seguir. Uma expressiva diferença considerando que este país possui mais da metade de sua população composta por negros e pardos (IBGE).

GRÁFICO 1



Fonte: elaborado pela autora

É importante ressaltar que a definição de sujeito negro é complexa, devido a mestiçagem biológica brasileira resultante das políticas de branqueamento da população, e também por tratar-se de uma identificação etnocultural. Catalogamos como negros sujeitos negros e pardos, isto é, isto é, não só negros retintos. O fator cor de pele é importante pois como aponta a historiadora estadunidense Trudier Harris (2008),

[...] a pigmentocracia traz consigo noções de valor hierárquico que os espectadores colocam em tais tons de pele. Tons de pele mais claros são, portanto, mais valorizados do que tons de pele mais escuros. Tais preferências têm implicações sociais, econômicas e políticas, já que pessoas de tons de pele mais claros são frequentemente - e estereotipicamente - vistas como mais inteligentes, talentosas e socialmente graciosas do que suas contrapartes negras mais escuras. Negros mais escuros são vistos como não atraentes, de fato feios e geralmente considerados de menor valor. Os padrões de beleza europeus dominaram assim um povo africano durante a maior parte de sua história na América.

O conceito de “pigmentocracia” da autora é comumente conhecido no Brasil como “colorismo” e se relaciona justamente com o fato de negros de pele clara serem melhores aceitos em ambientes sociais diversos, o que os levou por muitos anos a não autoidentificarem-se como negros, ainda que tenham consciência de que não são lidos socialmente como brancos. Disso derivam termos como mulata(o), cafuza(o), mameluca(o) e o genérico “morena(o)”, todos empregados com vistas a definir negros não retintos e de alguma maneira sabotar o despertar de sua autoconsciência enquanto sujeito **negro**, ainda que “privilegiado” por seu tom de pele mais claro e consequentemente não ser o alvo principal de uma série de violências devido a hierarquia racial existente nas estruturas sociais de nosso país.

3.1.2 Discussão dos resultados

Retomando o problema da presente investigação, que tinha como objetivo analisar se e como estavam representados questões de raça e gênero no Exame Celpe-Bras, e a partir dos números apresentados após a análise de exatos 415 Elementos Provocadores, pudemos constatar diversas particularidades nesses materiais. No que diz respeito ao nosso trajeto temático mais especificamente temos que: historicamente, no Celpe-Bras, no que concerne a temática racial, detectamos que existe um apagamento da população negra nos EPs; já com relação a representação da figura feminina constatou-se uma predominância de EPs com temáticas que envolvem tarefas domésticas e/ou recuperam

noções presentes no discurso machista da feminilidade, muitas vezes evocados por meio de adjetivos como “cuidadosa”, “paciente” entre outros presentes nas matérias das revistas e demais mídias e publicidades que compõem o conteúdos de ditos materiais. Nos EPs onde se tratavam temas concernentes a trabalhos no âmbito empresarial/corporativo, por exemplo, a figura da mulher geralmente é silenciada.

Nossos resultados corroboram as informações apresentadas e defendidas na discussão teórica deste trabalho, que sustenta que ainda hoje ecoam em nossa sociedade imaginários da época colonial, onde negros e mulheres são considerados seres humanos de “segunda categoria”, os negros pela falta de razão e as mulheres pelo excesso de emoção. A atualização desses discursos resulta na invisibilização dos primeiros e na representação das últimas em temáticas limitantes, que tratam do cuidado do lar e dos filhos.

Esse resultado, apesar de negativo, era esperado, pois reflete o que de fato nossa sociedade é: racista e misógina. Porém, nos últimos anos houve uma mudança nos materiais do Exame —sobretudo no biênio 2017-2018; há uma inserção de conteúdos concernentes às questões de luta por igualdade de gênero, racismo e representatividade, machismo, body positive entre outros. Mudança essa que pode ser compreendida a partir da noção de acontecimento discursivo. O acontecimento discursivo diz respeito a uma memória ressignificada, que rompe com a lógica discursiva vigente em determinado momento e permite a emergência de “novos” enunciados.

No livro “Estrutura ou Acontecimento”, Michel Pêcheux alude ao conceito de memória discursiva para lembrar que o discurso tem sua materialidade significativa calcada na História. E uma vez que a História não é regular nem contínua, muito pelo contrário, é permeada de conflitos e tensões, todo discurso “por sua existência [...] marca a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação” (PÊCHEUX, 2006, p. 56). Ou seja, o acontecimento histórico veicula por meio do acontecimento discursivo,

no caso do acontecimento do feminismo (...) é certo que algum manifesto ou congresso pode ser um grande acontecimento discursivo, em torno do qual se organiza um arquivo (tudo o que se passa a dizer – ou se pode recuperar de datas anteriores – em revistas, jornais, simpósios, livros, entrevistas etc.) Mas há mais: por debaixo deles, ou ao seu lado, surge por exemplo, um discurso do corpo, da beleza da sexualidade, do controle de natalidade, da saúde; e, ainda, da fidelidade, do divórcio, das alternativas sexuais; e, ainda, o das creches, do trabalho feminino, do assédio sexual, [das discussões – religiosas e médicas – sobre a interrupção voluntária da gravidez, eu acrescentaria]. (POSSENTI, 2009, p. 125-126)

Se, como visto na discussão teórico-metodológica deste trabalho, existe no Brasil um imaginário onde negros são considerados intelectualmente inferiores e esteticamente desagradáveis, e o papel social das mulheres é reservado ao espaço privado da casa e às tarefas domésticas, esses últimos EPs rompem com essa narrativa apresentando as reivindicações dessas minorias que historicamente encontram-se em desvantagem e que tem sua discriminação normalizada por meio desses discursos e imaginários que distorcem a realidade e reforçam estereótipos. Essa mudança discursiva configura um acontecimento discursivo no sentido em que há uma *ressignificação* da memória coletiva que se tem desses grupos, alterando o sentido dos enunciados já ditos e gerando novos.

Há, inclusive, a inserção de novas fontes, como o blog “Beleza Black Power” de onde foi retirado o EP 6 da edição de 2018 que trata justamente da importância da representatividade negra para as crianças negras. Ainda com relação às fontes, 189 dos 415 EPs analisados foram retirados de revistas e sites dos Grupos Abril, Globo e Três, que se traduzem em suas principais revistas: Veja, Época e IstoÉ. Pode parecer pouco, mas em muitas edições esses EPs configuram mais da metade dos materiais. Em porcentagens temos que 24% dos EPs retirados da Editora Abril, 11,3% de revistas e sites do grupo Globo e 10% da editora Três.

Os grupos Globo e Abril são veículos de imprensa historicamente filiados ao liberalismo econômico e ao conservadorismo político, tendo inclusive prestado apoio editorial a golpes de estado como os de 1964 e 2016. O último, por sua vez, promulga uma “neutralidade” em seu fazer jornalístico, que, como já visto no subcapítulo anterior, é impossível de existir, na linguagem não há vocábulo neutro.

Assim, ao privilegiar estas fontes em detrimento de outras, o exame acaba por veicular uma ideologia e não outra(s), e termina por silenciar discussões e tensões importantes e vigentes de nossa sociedade. E aqui reside a relevância de atentar para os discursos que veiculam os grandes conglomerados midiáticos que o Exame usa como base para sua seleção de materiais, pois propagam discursos excludentes, que advogam os interesses das classes dominantes aos quais pertencem, “quem controla a produção de ideias dominantes controla o mundo. E por isso, as ideias dominantes são sempre produto das elites dominantes” (SOUZA, 2019, p.26). E, assim, os EPs do Celpe-Bras terminam por não representar a **pluralidade** sociocultural brasileira e os discursos a ela relacionados.

Na tese de doutorado de Lima (2008), o autor apresenta uma tabela para demonstrar o fato de que os editoriais são majoritariamente das regiões Sul e Sudeste e

do estado do Rio Grande do Sul, e destaca que “o jornal Folha de São Paulo, e as revistas Veja e Época (...) fornecem mais de 50% do material textual do conjunto de EPS analisado” (p. 90), o que pudemos constatar não haver mudado muito de 2008 aos dias atuais, de maneira que se faz importante salientar que essa mudança discursiva que apontam os números desta monografia não deve ser confundida com uma mudança real nas estruturas racistas e patriarcais da sociedade brasileira.

A mudança discursiva é, sem dúvidas, importante, diante do poder intrínseco contido no discurso no que diz respeito ao direcionamento da interpretação dos sujeitos e são, também, consequência das lutas das minorias por representação. Porém, o giro discursivo deve ser acompanhado de políticas públicas efetivas, que garantam direitos sociais às massas historicamente oprimidas nesse país. Citando uma vez mais a Jessé Souza,

o capitalismo financeiro “engole” a linguagem do protesto e da libertação para transformá-la e utilizá-la para legitimar a dominação social e política a partir do próprio mercado. (...)se nos últimos 200 anos as lutas sociais tiveram como eixo principal as demandas por distribuição econômica, hoje elas teriam seu núcleo e impulso maior nas lutas pela “emancipação das minorias oprimidas”, como as mulheres e os negros. (...) Ou seja, não se trata mais de garantir a todos e a todas as condições familiares e escolares para a maior igualdade possível entre os indivíduos e de criar os empregos necessários para a inclusão social dos muitos excluídos que sofrem silenciosamente longe dos seletivos olhos midiáticos. Entra em cena, agora, o discurso que defende que as velhas lutas políticas por inclusão universalista são coisa do passado e as novas lutas pelas minorias antes excluídas representam a nova forma de liberdade e emancipação (SOUZA, 2019, p. 34-37).

Ou seja, a revista Veja que publica uma matéria discutindo o direito à não maternidade e o empoderamento feminino em 2014 (EP 10 - 2014.1) é a mesma que publicou a matéria “Marcela Temer: Bela, recatada e do lar” em 2016, com tal de apresentar a primeira-dama Marcela Temer e sua passividade e subserviência como um exemplo a ser seguido pelas demais mulheres brasileiras. Os avanços, ainda que no nível cultural-discursivo devem ser reconhecidos e comemorados, pois representam uma resistência ao poder e consequente ressignificação dos sentidos mas, não pretende-se aqui, em hipótese alguma, apontar que essa representação substitui as lutas sociais por equiparação social, racial e de gênero no Brasil, e nem que a mera representação desses grupos é suficiente para aplicação de uma abordagem comunicativa intercultural no ensino de línguas adicionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa, analisamos elementos provocadores do Exame Celpe-Bras dos anos 2008-2018 com o objetivo de compreender como estavam representados negros e mulheres nesses materiais. Após a conclusão da análise podemos observar que entre o período de 2008 a 2016 existe um apagamento da população negra nos materiais da parte individual do Exame e a aparição da figura feminina, quase sempre branca, esteve vinculada à temáticas limitantes, relacionadas a trabalhos domésticos e cuidado dos filhos. Panorama que sofre uma leve, porém importante mudança nas edições de 2017 e sobretudo na edição única de 2018, onde, para além de um número maior de EPs onde essas minorias estão visualmente representadas, surgem também temáticas como igualdade salarial, equidade de gênero, representatividade entre outras, que são demandas históricas desses grupos. Ou seja, nesses EPs esses grupos não estão somente representados imagetivamente, temos também a aparição de suas vozes.

Contudo, ressaltamos nossa crítica ao fato do Exame persistir na utilização de fontes oriundas de oligopólios da comunicação como o grupo Abril. Não é que o Exame deva excluir nenhuma fonte, mas não nos parece adequado igualmente dar exclusividade ou privilegiar nenhuma delas, já que, como visto, os textos, em seus diferentes gêneros discursivos, carregam ideologias. Desse modo, se o Celpe-Bras opta em trabalhar somente com os grupos Abril e Globo, termina por legitimar a ideologia do grupo Abril e do grupo Globo, não refletindo assim, a variedade de discursos e posições sociais e ideológicas presentes no seio social brasileiro.

Os resultados da pesquisa corroboram trabalhos realizados anteriormente, como o de (LIMA, 2008) e mais pesquisas no campo das representações e do discurso devem ser realizadas pois elas auxiliam na promoção um Celpe-Bras cada vez mais inclusivo, pelos questionamentos que a disciplina postula. Seria interessante pensar, por exemplo, se o apagamento histórico da população negra no conteúdo dos EPs é resultante somente da mídia brasileira que não coloca modelos negros em suas matérias e publicidades, ou das escolhas —sejam elas conscientes ou não, dos membros das CT.

Outra pesquisa futura poderia estar direcionada em verificar se a mudança que identificamos por meio deste trabalho é uma tendência, isto é, se continuou ocorrendo nas edições de 2019, 2020 e 2021 ou trata-se somente de um caso isolado, uma edição “atípica”.

Seria interessante também buscar quais são os elementos provocadores mais utilizados em cada edição; entrevistar alguns aplicadores para investigar as motivações de suas escolhas resulta igualmente em um procedimento possível e significativo, pois apesar da orientação principal do exame de que a seleção dos EPs para a entrevista deva ser feita a partir do questionário que o participante preenche, nem sempre há uma correlação entre os interesses particulares do examinando e os EPs. Dessa forma, pode ser que exista um movimento de *subversão* por parte dos aplicadores no sentido de não utilizarem EPs que veiculem conteúdo machista/racista.

Considerando também que a utilização do elemento provocador se dá numa perspectiva dialógica, não se descarta a hipótese de que no momento da interação oral o machismo/racismo presente no EP venha a ser desconstruído, ainda que, se considerarmos as relações de poder que rege o exame, é difícil imaginar que o examinando assuma uma postura protagônica questionando o conteúdo do EP —aspecto que resultaria em um interessante e importante estudo mas que depende de autorizações para o acesso aos áudios das entrevistas e a uma análise do conteúdo dos roteiros de interação face-a-face.

O Celpe-Bras é espelho para a construção de cursos de português como língua adicional e elaboração de materiais didáticos em PLA. Somente no ano passado (2021) 4.980 pessoas, no Brasil e no exterior, realizaram o exame. Número que evidencia a importância da construção de um exame coerente com as realidades socioculturais do Brasil e da língua portuguesa de variante brasileira que o exame oficialmente representa ante milhares de sujeitos.

REFERÊNCIAS

- Acervo Online Celpe-Bras. Manual do Examinando 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervocelpebras/arquivos/manuais/manual-do-examinando-2015>>. Acesso: 10 mai. 2021
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é um dispositivo*. Santa Catarina, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br>>. Acesso em: 14 set. 2021
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Editora Jandaia, 2021
- BAKHTIN, Mikhail. VOLOCHÍNOV, Valetin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2009.
- Brasil. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira. Documento base do exame Celpe-Bras [recurso eletrônico] – Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2020.
- CERQUEIRA, Daniel. *Atlas da Violência 2021* / Daniel Cerqueira et al., — São Paulo: FBSP, 2021.
- COTA, Ailana Assis. *INTER-AÇÃO, REPRESENTAÇÃO E IDENTIFICAÇÃO DO BRASIL EM TEXTOS ESCRITOS DO EXAME CELPE-BRAS*. 2013. 150 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras - Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/13748>>. Acesso em: dez. 2020
- DORIGON, Thomás. O CELPE-BRAS COMO INSTRUMENTO DE POLÍTICA LINGUÍSTICA: UM MEDIADOR ENTRE PROPÓSITOS E MATERIALIZAÇÃO. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Instituto de Letras - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/148497>>. Acesso em: dez. 2020
- FERNANDES. Cleudemar Alves. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Editora Loyola, 2014.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2003.
- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. *A análise do discurso: conceitos e aplicações*. São Paulo: Alfa: Revista de Linguística, 1995. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/107724>>. Acesso em: jul. 2021
- Harris, Trudier. *"Pigmentocracy." Freedom's Story*. National Humanities Center. Disponível em:

<<http://nationalhumanitiescenter.org/tserve/freedom/1865-1917/essays/pigmentocracy.htm>>
>

HAROCHE, Claudine, HENRY Paul, PÊCHEUX Michel. *La sémantique et la coupure saussurienne : langue, langage, discours*. In: *Langages*, 6. année, n°24, 1971. *Épistémologie de la linguistique [Hommage à E. Benveniste]* p. 93-106. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1971_num_6_24_2608>. Acesso em: 12 out. 2021.

LIMA, Ronaldo Amorim. *Representação do Brasil em textos do Exame Celpe-Bras*. 2008. 167 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Letras - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2008. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/acervocelpebras/arquivos/textos-publicados/lima-2008>>. Acesso em: 06 fev. 2021

MENDES, Edleise. *Aprender a ser e a viver com o outro: materiais didáticos interculturais para o ensino de português LE/L2*. In: *Materiais didáticos para o ensino de línguas na contemporaneidade: contestações e proposições*. Denise Scheyerl e Sávio Siqueira (orgs.) - Salvador: EDUFBA, 2012.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso*. In: *Discurso e Textualidade*. Eni P. Orlandi et al. (Orgs.). Campinas, SP: Pontes, 2010.

ORLANDI, Eni P. *Política Linguística no Brasil*. Eni P. Orlandi (org.) - Campinas, SP: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, Michel. *Papel da Memória*. In: *Papel da Memória*. Pierre Achard et al. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1997.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *O ensino de línguas estrangeiras como uma questão política*. In: *Espaços Linguísticos: resistências e expansões*. Kátia Mota e Denise Scheyerl (orgs.) - Salvador, EDUFBA : Instituto de Letras, Departamento de Letras Germânicas, 2009.

SCARAMUCCI, Matilde Virgínia. *EFEITO RETROATIVO DA AVALIAÇÃO NO ENSINO/APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS: O ESTADO DA ARTE*. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, SP, v. 43, n. 2, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639395>>. Acesso em: 11 jul. 2021.

SOUZA, Jessé. *A Elite do Atraso: da escravidão a Bolsonaro*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

SOUZA, Jessé. *Como o racismo criou o Brasil*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

ZOPPI FONTANA, M; DINIZ, L. R. A. (2008). *Declinando a língua pelas injunções do Mercado: institucionalização do português língua estrangeira*. In: Mónica Graciela Zoppi Fontana Línguas e Instrumentos Linguísticos – Nº 36 – jul-dez 2015 243. Revista Estudos Lingüísticos. V.37. N.3. São Paulo: GEL, p.89-119. Disponível em:http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N3_INTEGRA.pdf. Acesso em: 12 fev. 2021